

A PINTURA DAS FLORES

de JAIME CIRNE

Ninguém contesta que há bastante semelhança entre as mulheres e as flores. Todas as graças, todas as suavidades, e também todos os defeitos da mulher se encontram reproduzidos na flôr. Há flores *coquettes*, pretensiosas e pérfidas; há-as também doces, ternas e bemfazejas. Um, exibem-se em pleno sol, provocam os olhares e inflamam os sentidos; outras, pelo contrário, amam a solidão e a sombra, e só o delicado perfume que exalam pode traí-lhes a pudibunda modéstia.

Um, suavizam os nossos sofrimentos e reanimam os que padecem; outras, fascinam pelas fulgurações e cambiantes do seu brilho, perturbam pelo seu aroma capcioso e podem até mesmo causar a morte.

Esta flagrante analogia explica talvez a razão porque a paixão das flores e o gosto pela sua reprodução na pintura, coincidem com as épocas da mais polida civilização e da mais refinada galantaria.

A pintura das flores foi cultivada na Grécia, quando ali predominavam os requintes do luxo asiático, ao passo que ela foi descurada pelos romanos, que nunca puderam despojar-se completamente da sua marcial rudeza.

Rafael, reproduzindo na madona do seu formoso quadro—*A bela jardineira*—as feições duma florentina gentil e adorada, estendeu-lhe aos pés um tapete de verdura matizado de esplendidas flores.

Muitos artistas da escola italiana cultivaram a pintura das flores, senão como assunto principal, ao menos como importante acessório das suas mais belas produções. Foi, porém, a escola holandesa que mais se distinguiu naquele género, cujo verdadeiro mestre foi o célebre pintor Van Huysen, que floresceu na primeira metade do século XVIII. As suas flores pintadas sobre um horizonte luminoso, envolvidas em ar e banhadas pelo sol, têm peregrinas transparências e apresentam uma flexibilidade, uma delicadeza e uma frescura deliciosas.

As suas obras têm atingido, nos tempos modernos, preços fabulosos.

Este artista genial teve muitos imitadores, e desde então estava definitivamente criada a escola dos pintores floristas, cuja lista é numerosa...

A pintura das flores, entre nós, não conta actualmente cultores distintos, e, além dalgumas senhoras, que, em horas de ócio, se entregam, como a uma predilecção amável, ao prazer de temperar tintas em mel rosado, poucos mais artistas aparecem com pronunciado talento para este género. E' que a pintura

das flores exige um temperamento *sui generis*, uma aptidão especial para o arranjo da pose e, sobretudo, uma compreensão subtil da fisionomia da flôr, que a tem, com um carácter seu, perfeitamente definido, que distingue umas das outras, que as faz ver gloriosas, que as faz ver sonhadoras ou místicas.

Em toda a pujança da sua seiva, a vitalidade dos seres animais, por uma exuberância a que aqui se chama mocidade e além viço.

Morta, pendida a corola no

beiral do telhado que a viu entreabrir a caçoleta de armas, opulenta de vida e estonteada de sangue, a flôr é como um cadáver abandonado que os moscardos sugam, zumbindo ao verminar da podridão, sob um causticante sol de Agosto. Uma flôr caída à beira dum canteiro, na curva solitária duma alameda de jardim, não constitui apenas um agregado de moléculas em decomposição, um resíduo inútil que vai juntar-se, na evolução das coisas, à massa germinadora doutras que a seu turno serão belas e serão úteis. A flôr morta não é isto, a flôr morta não diz só podridão, diz aniquilamento; respira ainda a nobreza das coisas em que uma inteligência parece ter vivido, em que parece ter palpitado uma sensibilidade transcendente, como os corpos das mulheres formosas, cuja vida se escoou como um perfume, entreabrindo-lhes os lábios e semi-cerrando-lhes as pálpebras.

Uma verdadeira intuição disto só a pude encontrar, até hoje, no falecido pintor Marques Guimarães, cujo raro talento, alta competência e fino gosto na especialidade tudo ficou provado, há 40 anos, nos seus deliciosos quadros—*Molho de rosas chá* e *Camélias*—expostos, então, num certame de Belas-Artes, da Academia Portuense, e numa exposição do Ateneu Commercial.

Pela delicadeza da execução, já revelada em outros trabalhos análogos, aqueles merecem ser assinalados.

Para o meu temperamento, isto é, para as sensações estéticas do meu espírito, esses dois quadrinhos de flores são das mais belas coisas que eu conheço.

No entanto, entre nós têm aparecido depois de Marques Guimarães hábeis cultores deste género essencialmente delicado. São esses, pois, efectivamente, os pintores queridos das mulheres; porque sendo sobre a Arte dos seus camaradas uma compreensão mais refinada da Natureza, os seus quadros serão afagados pelas mulheres, que verão nêles, com os olhos do instinto e da alma, a sua imagem e semelhança.

A CRISE EUROPEIA

(continuação da página anterior)

cias, teosofismo, magia, mesmo o bruxêdo, ocupam uma parte das preocupações do actual Paris, e doutras capitais europeias:—e, nas ruas, anunciam-se em grandes cartazes as mais fantásticas aparições, encarnações e fenómenos...

O Budismo invade a Europa, faz aí congressos, mantém revistas, jornais; e a emotividade da Europa, inquieta e desorientada, dirige-se com ansiedade para o Oriente, prescruta aí no velho bric-à-brac místico e teológico, à procura de uma solução para a sua inquietação, na constante miragem das almas desorientadas. Com Loti, percorre as florestas, os velhos templos sepultos nas trevas dos bosques tropicais, e atravessa desertos para ir consultar velhos papiros enigmáticos...

Faquires, profetas, iluminados orientais, como Krishnanot, passeiam pela Europa como fenómenos, como focos de Luz, quasi delificados.

Procura-se na velha Índia a chave da sabedoria, o segredo da felicidade humana, o pa-

raiso; e os livros sucedem-se, pintando, numa miragem característica, mundos de felicidade, paz, amor e humanitarismo, de milagres e fenómenos ultra-naturais, que nos veem de misteriosos recantos do mundo.

Inútil insistir, tantos são os factos, os documentos, que definem esta invasão da Europa actual pelos elementos exóticos, tantos são os dados a esse respeito, e tão conhecidos são de todos.

Esta infiltração, como exactamente outrora na Grécia e em Roma é favorecida pela dissolução mística do pensamento, pela desagregação do sistema histórico, que atrai os elementos exóticos numa espécie de capillaridade. O sistema europeu embebe-se de exotismo como uma esponja de água:—e o fenómeno não faz senão acentuar-se, está ainda em seu início.

Uma fusão do pensamento europeu e asiático é assim de prever para o futuro, dêle saindo uma nova civilização: deixemos porém as previsões, para nos cingirmos à análise dos fenómenos actuais.